

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Lycurgo Santos Filho, "História Geral da Medicina Brasileira"

* Milton Vargas

O prof. Lycurgo Santos Filho já tinha publicado, em 1947, uma "História da Medicina no Brasil - Do Século XVI ao Século XIX", pela qual tornou-se um dos mais renomados historiadores da Medicina brasileira. Esta obra, há muito tempo já esgotada, tornou-se uma das poucas fontes de leitura e consulta dos nossos historiadores e interessados na história da ciência e da profissão médica, no Brasil. Mas a sua consulta cada vez mais difícil foi-se restringindo aos exemplares de bibliotecas públicas e universitárias. Urgia, portanto, a publicação de uma segunda edição que viesse satisfazer a um grupo, cada vez maior, de estudiosos não só da evolução da nossa Medicina, como das implicações entre as doenças, sua discriminação e seu combate, e a constituição da civilização brasileira.

Em vez, porém, de promover a simples reedição do seu livro, o prof. Lycurgo resolveu reformular completamente a sua obra, aduzindo ao impressionante número de dados e informações por ele colhidos um novo e mais abrangente tratamento historiográfico do assunto. Daí esta "História Geral da Medicina Brasileira", cuja primeira impressão do primeiro volume foi publicada em 1977 e um segundo volume vem de surgir, perfazendo, assim, dois alentados volumes. O primeiro, cobrindo o período colonial, mas abrangendo também a Medicina indígena nativa e a Medicina negra, que veio da África com os escravos. O segundo, abrangendo todo o século XIX, desde a fundação no início do século das escolas de cirurgia, no Rio de Janeiro e na Bahia. Porém, só no início do século XX, segundo o autor, é que aparecem os primeiros sinais de uma Medicina nacional, baseada em pesquisas científicas autótonas. E o prof. Lycurgo Santos Filho está trabalhando num terceiro volume a ser, em breve, publicado, dedicado a nossa Medicina do século XX, a que ele chama da época da "Medicina científica".

O primeiro volume da "História Geral" dedica-se à Medicina dos físicos e cirurgiões, curandeiros e feiticeiros, vigente no Brasil Colônia. Na Introdução, o autor traça um excelente esquema da história da Medicina brasileira e de suas fontes que, em sua sintética visão panorâmica, informa àqueles que se vão iniciar no seu estudo, da natureza e da periodização que o autor propõe. Isto é: de um primeiro período (abrangido no volume I, em exame), o qual é dividido em cinco itens: a) Medi-

na Indígena; b) Medicina Jesuítica; c) Medicina Africana-ou Negra; d) Medicina no Brasil-Holandês; e) Medicina Ibérica. Esta última sendo a mais extensa abrange as atividades tanto dos assim chamados "físicos", como dos curandeiros e curandeiros da origem ibérica que dominariam a profissão durante os tempos coloniais.

Depois dessa Introdução, é apresentado, num extenso Livro I, uma resenha das fontes, quer gerais, quer históricas ou religiosas, incluindo textos geográficos, efemérides, biografias, memórias e crônicas. Num segundo capítulo encontram-se referências a textos de Medicina que elucidam fatos históricos, como ensaios de bibliografias médicas e esboços de elaboração de história da Medicina, até os primeiros livros de história de Medicina editados no Brasil. Convém aqui ressaltar a importância desse Livro I, do primeiro volume, para todos os historiadores da ciência interessados no progresso científico brasileiro.

Depois da apresentação de um panorama geral, o autor enfrenta a difícil tarefa de relatar historicamente a Medicina, o curandeirismo e a feitiçaria imperante desde a descoberta do País até a criação das primeiras escolas de Medicina, no início do século XIX. Abrangendo, portanto, todo o período colonial.

Apesar da primeira visão dos descobridores ter sido de uma terra de clima ameno e salubre, habitada por uma população forte e sadia, essa visão foi-se paulatinamente deteriorando para a de uma terra de clima inclemente, agravado por miasmas mortíferos e bichos venenosos, habitada por uma população infestada pelas mais estranhas doenças, tanto nativas como trazidas da África pelos negros e da Europa pelos brancos. É sob essa visão que Lycurgo Santos Filho descreve a profissão dos médicos e curandeiros coloniais no Brasil.

Na Medicina indígena, o prof. Lycurgo vê, além da ação fetichista do "pagé" na cura das doenças, o emprego das ervas medicinais tropicais, que persistem até hoje na farmacopéia moderna. Na Medicina jesuítica, o autor vê principalmente a transposição para a Colônia das práticas de assistência médica européia e o início da organização hospitalar. Na Medicina colonial holandesa, apesar do maior preparo científico dos "físicos" batavos, o autor não vê grande diferença entre as condições sanitárias e de saúde das terras ocupadas pelos holandeses com o restante do Brasil Colônia. Entretanto, ressalta a preocupação holandesa



de trazer para a metrópole informações sobre as condições de saúde da população colonizada. Daí a vinda ao Brasil de vários médicos, quase todos judeus, e a publicação na Holanda de obras sobre a História Natural brasileira, entre as quais as de Willem Piso, com observações médico-botânicas.

A fase referente à Medicina ibérica, praticada no Brasil, cobre cerca de dois terços do volume I, pois é considerada a mais importante do período colonial. Ela seria constituída pelas atividades profissionais não só dos "físicos", formados na Península Ibérica, como também de curandeiros, boticários, cirurgiões e barbeiros, ibero-brasileiros. A Medicina ibérica, dessa época, ainda não tinha sido influenciada pela ciência moderna, dada a resistência oferecida à incorporação desta nas universidades da Península. Dominavam, portanto, as práticas medievais calcadas nas medicinas galênica e hipocrática, baseadas nas virtudes curativas dos remédios e nos humores dominantes dos doentes. Era uma Medicina reduzida à experiência própria e intransmissível dos profissionais e a receituários, semelhantes aos, até hoje, usados pelas famílias interioranas.

Na Colônia essa situação da Medicina peninsular era ainda mais precária dada a falta de "físicos" de formação universitária e o quase completo domínio de profissionais habilitados, que percorriam a cavalo as regiões mais habitadas do território brasileiro, curando as mais variadas doenças com suas "caixas-de-botica" e seu breviário de receitas. A esses juntavam-se as parteiras, os cirurgiões barbeiros e os curandeiros.

A partir do século XVI surgem as Irmandades de Misericórdia, custeadas por esmolas e doações particu-

res, que sustentavam as Santas Casas de Misericórdia, destinadas a recolher e abrigar enfermos, principalmente pobres, pois os ricos curavam-se em casa, receosos do ambiente insalubre dos hospitais. As primeiras Santas Casas foram as de Santos, Olinda e Salvador, mas logo apareceram em várias outras cidades brasileiras, inclusive pequenas cidades do Interior. Os "físicos" e cirurgiões que nelas atuavam nada recebiam e, geralmente, eram orientados por religiosas e religiosos. Além dessas Santas Casas, havia ainda as enfermarias dos colégios jesuítas até a expulsão da Companhia de Jesus, em 1759. No final do século XVII, começaram a estabelecer-se nos quartéis pequenas enfermarias, as quais foram o germe dos Hospitais Reais Militares, instalados alguns nos edifícios antes ocupados pelos colégios jesuítas. Só no século XIX é que apareceram, nas principais cidades brasileiras, as "Casa de Saúde" oficiais, alguns poucos lazaretos e os "isolamentos" para as quarantenas, junto aos portos do Rio e da Bahia.

Nessa época, as epidemias de varíola, sarampo, impaldismo e várias outras doenças assolavam as cidades. Isto obrigou as Câmaras das principais cidades e vilas a organizarem suas juntas de defesa da saúde pública, contratando "físicos" e cirurgiões e elaborando normas de higiene, limpeza, desinfecção e quarantena. Dessas normas é que, no início do século XIX, surgiu a vacinação contra a varíola.

O segundo volume da obra de Lycurgo Santos Filho dedica suas 677 páginas à história da Medicina brasileira, durante o século XIX. É a fase que chama de pré-científica, pois que, segundo ele, ainda não se instalara, na Medicina nacional, a pesquisa científica. Ela resumia-se do que se ensina e aprende em livros de textos franceses ou traduzidos para o francês, nas Faculdades de Medicina do Rio e da Bahia. Essas resultaram de evolução das escolas de cirurgia, criadas em 1808, no Rio e na Bahia. As mesmas foram transformadas em Academias Médico-Cirúrgicas, instaladas nas Santas Casas de Misericórdia do Rio, em 1813, e da de Salvador, em 1815. Eram cursos de cinco anos de disciplinas médicas precedidas por científicas. Em 1832, tais academias foram transformadas nas Faculdades de Medicina do Rio e na da Bahia, com cursos de seis anos de disciplinas médicas e clínicas, precedidas de cursos de ciências físicas e biológicas. Anexos a essas Faculdades existiam cursos de Farmácia, de Odontologia e de Partejas. O prof. Lycurgo enfatiza o caráter inteira-

mente livresco desses cursos: o que confere a denominação de quase científico ao estágio da nossa Medicina no século XIX. Embora muitos dos professores tenham alcançado elevado nível de erudição, apesar da incapacidade geral de pesquisa, criatividade, inovação e descoberta.

O Livro III do volume em questão é dedicado a uma ampla e profunda análise, não só histórica, mas também fenomenológica, da Medicina e das doenças que assolaram o País ao longo de todo o século XIX. Ele descreve as principais doenças vigentes nesse período sob o enfoque do conhecimento, certo ou errado, que se tinha delas na época. Descreve-as sem procurar identificá-las e caracterizá-las sob o ponto de vista científico atual. Consta, assim, epidemias de febre-amarela, malária, tifo, cólera, varíola e outras, sob os aspectos calamitosos e catastróficos que apresentavam então. Faz notar o ponto de vista dos médicos livrescos de então; porém, ressalva o daqueles que insistiam na necessidade de observar essas doenças em seus aspectos próprios, relacionados com as nossas condições geográficas e climáticas próprias.

Um exemplo desses últimos são os tropicalistas da Bahia que, apesar de estarem perfeitamente a par do estudo na Medicina européia, insistiam que as doenças tropicais deveriam ser estudadas em seu contexto próprio. Eles foram liderados por um escocês, John Peterson, um alemão nascido em Portugal, Oto Wucherer e um português, Silva Lima. Foram eles que na década dos anos 60 do século XIX atuaram como precursores da Medicina tropical brasileira, baseada em observações diretas de campo e laboratório, como a que apareceu, a partir do início do século XX, no Rio de Janeiro.

O final desse segundo volume enfeixou-se sob a promessa de um terceiro volume sobre a fase científica da Medicina brasileira, a qual iniciara-se com as pesquisas dos Institutos de Manguinhos, no Rio, e Butantã, em São Paulo, quando nossa medicina adquiriu autonomia. Com o prometido terceiro volume da obra de Lycurgo Santos Filho, não só a nossa Medicina ganhará uma visão global de sua história, como também a História da Ciência no Brasil enriquecer-se-á com preciosa documentação sobre seus origens, pois, não resta dúvida, que as ciências da natureza muito devem à história da profissão médica no Brasil.

* Milton Vargas é professor da Escola Politécnica de São Paulo e membro da Academia Paulista de Letras.

Miguel Couto: mestre da Medicina no Brasil

Silvio Marone

Nas páginas de nossa história pátria fulguram, aureolados de glória, pelos seus feitos e conquistas nas várias áreas do saber, nomes de nossos patrícios; no Direito, na Conferência de Haya, um brasileiro tornou-se a "Águia"; na Diplomacia, o Barão do Rio Branco alargou nossas fronteiras; na Música, o camponês Carlos Gomes foi um dos grandes compositores do mundo; na Pintura, na Estatuária, na Literatura é grande o número dos nossos patrícios.

Nas múltiplas áreas das Ciências outros tantos brasileiros têm seus nomes indelével, demarcando épocas pré e pós os resultados dos seus estudos; na Medicina - que se ocupa do homem na sua integridade anatômica, fisiológica, psicológica e social - tem sido registrado em suas páginas o nome de tantos brasileiros que seria longo mencioná-los, verdadeiros mestres nas ciências e nas artes de curar, expandindo seus estudos do homem como unidade ao homem na comunidade, na sociedade. São também freqüentes seus estudos nas áreas de Psicologia, Política, Sociologia...

"Ainda está na memória da atual geração o seu nome, assim como o de outros médicos ilustres que, no passado, dignificaram a cátedra"

Não é de se estranhar, pois, a messe dos médicos nas Academias de Artes, de História, ... não simplesmente como membros, mas como freqüentes colaboradores. Assim foi o mestre Miguel Couto, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ainda está na memória da atual geração o seu nome, assim como de outros médicos ilustres que, no passado, dignificaram a cátedra.

Ainda é desta geração de médicos o nome do prof. Miguel Couto. Mais de cinco dé-

cadas são passadas de seu falecimento e a sua lembrança permanece imorredoura nos que labutam na seara clínica.

Figura de aspecto angelical, agindo como tal em todas as suas atividades, particularmente as médicas, estudioso dos problemas de Clínica, conhecedor profundo das questões da Saúde Pública, manuseador delicado e preciso do vernáculo, o prof. Miguel Couto foi, em seu tempo, da Medicina brasileira, o príncipe; da Saúde Pública, o defensor; e das Letras, o imortal.

Constituiu-se um padrão magnífico para os atuais e futuros escultórios. Sua vida é um manancial de exemplos. Sua origem foi das mais modestas. Sentiu desde cedo o fascínio que as ciências médicas exercem nos espíritos sensíveis. São suas palavras: "Antes de saber ler a Medicina me sorria como profissão." Não mediu sacrifícios para estudar e alcançar o seu ideal.

Sua mãe, uma pobre costureira, prolongava até altas horas da noite suas tarefas para poder sustentar os estudos do filho. Este, tanto quanto podia, ajudava-a nos mistérios. Após os estudos diurnos, corria ao porão da casa onde o esperava uma velha máqui-

na de costura, iluminada por pequeno lampião de querosene. Algo mais havia nesse ambiente, que servia para reanimar-lhe as forças eventualmente combatidas: uma bíblia. Eram seus instrumentos de trabalho.

Se, no futuro, os substituiria por outros - como lhe exigiria a nova atividade - jamais porém substituiu esse livro - a bíblia - que sempre lhe serviu para o norteamento na vida.

Aquele jovem, pobre de recursos materiais, estudava em livros de empréstimo. Era,

porém, rico de inteligência e de vontade de vencer. Haveria de ser um dos mais eminentes médicos do País e um dos mais ilustres professores de Faculdade de Medicina pela qual se formara.

Sua vida, toda ela calçada no trabalho e no estudo, frutificou numa ascensão gloriosa: diplomou-se em Medicina em 1885, com apenas vinte anos de idade; concorreu, um ano após, à vaga de lente substituto de Clínica Médica da mesma Faculdade. E após memorável concurso, com outros cinco candidatos, entre os quais Pedro de Almeida Magalhães - uma das mais brilhantes figuras do cenário clínico da Capital - venceu a cátedra.

Em 1901, com a morte do prof. Francisco de Castro, foi promovido à cátedra de Clínica Propedêutica, na qual formou escola respeitada em todo o País e no estrangeiro, pela excelência dos trabalhos de pesquisa. Introduziu no ensino inovações hauridas em viagens às mais importantes capitais européias. Instalou na cátedra o Laboratório Clínico para exames clínicos e microscópicos, completa seção de Radiologia e um Museu. Após a extinção, em 1911, daquela cátedra, passou para uma das clínicas médicas, onde se manteve.

Pertenceu à Academia Nacional de Medicina, sendo seu presidente desde 1915. Utilizou sua tribuna para o combate ao alcoolismo e ao analfabetismo. Dela também se serviu para a defesa do saneamento rural, da vacinação e de numerosos problemas médico-sociais.

Múltiplos são seus trabalhos clínicos. Desde 1888 até 1928 publicou labores de alto valor científico, muitos dos quais vertidos em línguas estrangeiras. Pertenceu, desde 1917, à Academia Brasileira de Letras, ocupando a vaga de Afonso Arinos, tendo como patrono o Visconde do Rio Branco; foi recebido por Mário de Alencar.

Seu vernáculo é límpido, claro e simples. A elegância domina na frase. Suas páginas lêem-se com agrado e proveito. Guardo com carinho um exemplar de seu livro

"Allocações proferidas na Academia Nacional de Medicina", no qual há, para mais valorizá-lo, um autógrafo do autor.

Em sua coleção, "Clínica Médica", o estilo é o mesmo: simples, claro e elegante. Alia-se em suas páginas o mestre da Medicina ao das Letras. Onde, porém, se encontra palpitante sua alma é num pequenino discurso proferido na 7.ª Enfermaria da Santa Casa do Rio de Janeiro.

"Referia-se à profissão com encantamento. São suas estas palavras: 'Clínica é sinônimo de sofrer. Sofre cada um as suas dores, sofre o médico as de todos'"

A meiguice e a delicadeza dessa personalidade ímpar acham-se estampadas em suas linhas. É enternecedor ver o velho mestre recordar com carinho o início de sua carreira de estudante e posteriormente a de professor e lembrar com desvelo e respeito seus mestres e companheiros. Tudo passado naquela enfermaria "do meu afeto e do meu culto". Refere-se também com tocantes palavras aos "meus doentes", recordando-se do primeiro paciente que examinou, da primeira aula que ministrou e dos vinte e cinco anos que labutou no magistério superior.

Falava-me dele com freqüência o seu antigo discípulo, o prof. Eduardo Monteiro. Referia-me, muitas vezes, que as atitudes fidalgas do mestre, palavras nobres e seus gestos delicados eram sempre os mesmos, qualquer que fosse a categoria social de seu doente: indigente ou abastado, internado numa enfermaria ou morador num palácio.

Exerceu ainda atividades políticas, embora não sentisse pelas mesmas atração. Foi eleito deputado pelo Estado do Rio de Janeiro e Distrito Federal. Defendeu, como político, a regulamentação do serviço militar.

Apresentou plano para o desenvolvimento da aviação, a qual - numa antevisão extraordinária - considerava para o Brasil o mais eficiente meio de transporte; lutou pela erradicação do analfabetismo, tendo publicado todo um livro sobre o tema. Estudou, nele, os problemas de educação do povo, tanto no setor escolar como sanitário. Traçou as grandes diretrizes do ensino popular no Brasil e ressaltou que há "necessidade de elevar a cultura do povo, único meio para elevar-lhe a ambi-

ção, a atividade, a riqueza e, desta, a confiança, a força e coesão".

Fez de sua cadeira de parlamentar uma cátedra de civismo, deixando em cada um de seus companheiros de bancada "um discípulo e um devedor", no dizer de Alcântara Machado. No exercício da Medicina, ao lado do diagnóstico preciso e da terapêutica acertada, procurava sempre infundir nos doentes um sentimento de bem-estar espiritual.

Referia-se à profissão com encantamento. São suas estas palavras lapidares: "Clínica é sinônimo de sofrer. Sofre cada um as suas dores, sofre o médico as de todos. Sofrem todos pelos seus, sofre o médico pelos seus e pelo alheio. Sofrem todos por ver o sofrimento, sofre o médico por vê-lo e o não poder remediar. Sofrem todos pelos que vêm sofrer, o médico pelo que vê e pelo que adivinha. Sofrem todos com lágrimas, sofre o médico com angústia. Em suma, aí onde estiver o homem padecendo está ao lado a Medicina aliviando, consolando, mitigando ... e padecendo, como mãe carinhosa."

Assim sentiu e praticou a Medicina esse mestre.

Ismael Guilherme, cavaleiro do ideal

• Paulo de Andrade Corrêa

Através dos seus cem anos de passado tradicional e glorioso, a Força Pública de São Paulo tem dado à nossa terra homens que, pela sua conduta e pelas suas realizações, se tornaram credores da admiração de todos.

São os indivíduos privilegiados, enamorados do grande ideal, que fazem a glória da Corporação e deixam, após sua passagem, um rastro luminoso balizando o rumo da esperança para os outros.

Ismael Guilherme foi, sem dúvida, um desses e seu nome deve ser colocado, por isso, entre as grandes figuras da Força Pública.

Conheci-o no Aeroporto de Bauru, em 1941. Eu voava nas proximidades do Campo, quando divisei, ao longe, um grande bi-motor. Dei passagem: era um "Lockheed-Lodstar" que, após a tomada de campo, pousou na clássica aterragem comercial.

Mesmo do alto, pude observar a perícia do piloto e brotou então em mim o pecaminoso desejo de imitá-lo. Tentei: direção do vento indicada pela biruta; tomada de campo e curva de 90°, boa visibilidade da pista, ao nariz do Wacco; planeio O.K. e finalmente... péssima chegada!

Desci do avião bastante desapontado e pretendi alguns esclarecimentos do comandante do "Lockheed".

Encontrei Ismael Guilherme conversando com o instrutor Odilon Braga, da F.A.B. À minha chegada ambos riram. Conviaram, talvez por questão psicológica, em que eu era um grande piloto e Ismael, liderando a conversa, falara da possibilidade do tenente do 4.º B.C. deixar o Quartel para sentar-se ao seu lado, no Comando de um "Lodstar". Gostei, e a conversa prosseguiu...

O cirurgião e o soldado 23-XII-1924

Com apenas 20 anos de idade ingressa Ismael Guilherme na Força Pública, admitido como acadêmico interno do H. M. Um ano após, já formado, é contratado para o lugar de radiologista e auxiliar do serviço clínico interno do Hospital. Em 1928 tem sua nomeação para o posto de 1.º ten. médico e em 1930 vê sua promoção ao posto de capitão. Os seis primeiros anos que passou arremetido no H. M. constituem o ciclo notável da sua formação médico-militar. É aí então que se revela em toda sua plenitude o grande cirurgião. Certa vez, Ismael ia operar um soldado da vesícula biliar (colicistectomia). Faz a raqui anestesia. Antes de iniciar o ato cirúrgico, porém, o paciente entrou em

síncope cardiopulmonar. Praticamente estava morto: não respirava e não mais tinha batimentos cardíacos. Todos os recursos são empregados: oxigenioterapia, ginástica respiratória, cardiazol na veia e injeção intracardíaca de adrenalina. Permanece, no entanto, a mesma situação e o soldado é considerado, a esse tempo, morto. Ismael, porém, não perde a calma. Rápido, desinfeta a parede abdominal, incisa a fundo com precisão de mestre e através do diafragma vai buscar o coração, fazendo massagens cardíacas.

Com o prosseguir das massagens, o coração que estava completamente parado, flácido, começa a pouco e pouco reagir e a dar sinal de vida. É o milagre que a perícia do cirurgião realizava. O paciente vai-se reanimando e volta a respirar e o propulsor do sangue humano readquire o seu ritmo. O soldado está,

naquele corpo delgado uma polarização de energias.

espaço. É o Ideal azul, é o pendão para a aeronáutica que o arasta como uma fatalidade irremovível. Frequenta a Escola de Aviação da Força Pública por onde se brevemente, figurando, após, no seu quadro de instrutores, para dentro em breve se credenciar junto aos mais competentes pilotos da época.

Reformado administrativamente

Cavaleiro do grande ideal, em outubro de 1930 segue para o setor de Ourinhos, em operações de guerra, e recebe o seu batismo de fogo no chão áspero de Catiguá. A sua primeira campanha constitui a pedra de toque na qual se reluz o ouro de puro quilate do soldado de escol.

Vem depois 1932. Vem depois a cruzada grandiosa de São Paulo para a Constitucionalização do Brasil. Como uma só alma, como um só corpo, o Esta-

naquele corpo delgado uma polarização de energias.

Na constituinte paulista

Em fins de 1933, reverte ao serviço ativo e, em 1935, mercê da sua popularidade e do seu prestígio, é eleito deputado pelo antigo Partido Republicano Paulista. Toma assento na Assembleia do Estado em 9-VII-36 e surge, ainda, uma nova oportunidade para demonstrar também o seu valor como parlamentar, grangeando assim o respeito e a admiração dos seus pares.

Piloto dos mais hábeis

Integrado na falange dos que diuturnamente trabalham pelo engrandecimento do Brasil, Ismael Guilherme, cheio de credenciais que o recomendam ao respeito e à admiração de todos, é, além do grande cirurgião e do prestigioso deputado, um administrador de largo descortino e

coube a Ismael Guilherme a tarefa de ir buscá-lo na Colômbia. Em junho de 1941, vai ele a Barranquilla e inscreve na história da aviação brasileira uma façanha que mereceu citação na época. Decola em Barranquilla e, após algumas etapas, atinge Corumbá. De Corumbá vem em vôo direto para São Paulo, cobrindo um percurso de 1.260 quilômetros em tempo reduzido.

Em fins de 1941 é convidado a integrar o quadro de pilotos comandantes da "Panair do Brasil", para onde se transfere.

A última rota

Grande entusiasta da aviação civil e comercial, a Ismael Guilherme se deve o brevetamento de grande número de pilotos e grandes realizações em prol do desenvolvimento da aviação. Piloto dos mais notáveis que São Paulo tem tido, cumpre no último ano de sua vida "performances" magníficas, cruzando os céus da Pátria em todas as longitudes. Assim é até setembro de 1942.

No dia 28 de setembro desse ano, parte do Rio de Janeiro, pela manhã, no comando da sua aeronave, com destino a São Paulo e Porto Alegre. Entretanto, a morte o vem colher, nas proximidades da represa de Santo Amaro.

...

São Paulo perdia, assim, um aviator completo, um dos mais competentes pilotos da aviação nacional, por uma dessas fatalidades dolorosas. A Força Pública perdia, também, um dos seus mais brilhantes oficiais que sempre a havia honrado e que sempre lhe realçara o nome.

O seu desaparecimento abriu uma grande lacuna no quadro dos mais destacados pilotos sul-americanos.

Trabalhando pela autonomia das asas nacionais, desapareceu nos arredores da Capital Paulista, cortando o céu de Anchieta e Nóbrega e abraçando, altaneiro, o cinzento "fechado" da sua neblina.

Como o filho que retorna saudoso ao lar paterno, ele morreu quando, de volta, se aproximava da sua querida Piratininga, pela qual nos campos da luta tantas vezes se batera.

Ismael Guilherme, por isso tudo, transpôs os umbrais do tempo e continua conosco, porque pela taumaturgia do seu grande exemplo ele operou, em si mesmo, o milagre da própria imortalidade!

• Paulo de Andrade Corrêa é coronel médico da Polícia Militar de São Paulo

"Como filho que retorna saudoso ao lar paterno, ele morreu quando, de volta, se aproximava da sua querida Piratininga, pela qual nos campos da luta tantas vezes se batera"

de novo, com vida e a prudência manda que se deixe o ato cirúrgico inicial para outro dia. Entretanto, com a sua audácia característica, com a sua firmeza admirável e com a sua habilidade extraordinária, que fizeram dele o príncipe dos cirurgiões do Hospital Militar, Ismael amplia a incisão e ruma agora do coração para a vesícula: liga a artéria cística, o canal cístico, efetua o descolamento e retira, em seguida, a vesícula biliar.

Era a culminação e tudo corria bem, felizmente. Ainda hoje, passados longos anos, permanece conosco a singular figura desse soldado que, embora reformado, ainda continua com vida...

Além de bom clínico e emérito cirurgião, Ismael Guilherme foi o introdutor da sinalização cirúrgica em São Paulo, chegando mesmo a idealizar um aparelho, que empregou com sucesso.

Entretanto, não se detém. Não pára af a sua atividade multifária. Não pára af a série de realizações do médico moço, do oficial capaz. O seu olhar também está voltado para a imensidão do

de se levanta e brada aos quatro ventos da Terra Bandeirante que necessário se torna o domínio de improvisações. E o povo responde bem ao apelo. Faz-se de tudo: bônus de guerra, selos para o Correio, capacetes de aço, trens blindados, munições e granadas.

É nesse momento histórico que Ismael deixa, de novo, o Corpo de Saúde para improvisar, com os restos da extinta Esquadilha da Força Pública de 30, o Grupo Mixto de Aviação Paulista, do qual se torna comandante.

Com denodo, inteligência e esforço, dá ao Grupo incremento vertiginoso, construindo hangares em poucos dias, organizando os serviços auxiliares, distribuindo esquadilhas para vários setores da luta e cruzando também o espaço à frente de seus comandados.

Após a derrota da Campanha Constitucionalista, Ismael considerado prócer da Revolução, por decreto de 29-XII-32, é reformado administrativamente. O golpe porém não lhe quebra o ânimo nem o afasta da luta. Há

um dos pilotos mais hábeis da nossa terra. É por isso que o governo paulista o chama para superintender a Viação Aérea de São Paulo, em 1938.

Aviador apaixonado, técnico na matéria e dotado de largo tirocínio, estuda e cria novas linhas para a Vasp, as quais se estendem até Goiânia e Porto Alegre.

Precursor do vôo cego em nossa terra

Em 1938, viaja pela Europa e realiza, na Alemanha, com ótimo aproveitamento, um curso de vôo cego, concluído em 1939. De regresso ao Brasil, impõe regularidade e segurança às viagens da empresa que superintende. Uma de suas primeiras preocupações é criar a "Escola de Aperfeiçoamento e Vôo Cego", que logo se torna uma esplêndida realidade.

Nacionaliza, em seguida, as tripulações dos trimotores da Vasp, os famosos "Junkers JU-52".

Quando a Companhia adquirir mais um desses aparelhos,

Homenagem a Cesarino Júnior

* Oswaldo Paulino

Faleceu, no dia 10 de março, em São Paulo, aos 86 anos de idade, o professor Cesarino Júnior, primeiro presidente da Associação Nacional de Medicina do Trabalho e um dos seus fundadores.

Campineiro, nasceu a 16 de março de 1906, bacharelou-se em Ciências e Letras pelo Ginásio do Estado daquela cidade em 1923 e cinco anos mais tarde, em 1928, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Era professor nato, por vocação e convicção, e já em 1929, em memorável concurso, tornou-se professor catedrático de História Universal do Ginásio do Estado e professor do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, ambos de Campinas.

Naquela época, eu era muito jovem, pré-adolescente e aluno interno do Colégio dos Salesianos de Campinas e lá tive meu primeiro contato com Cesarino Júnior como professor, cuja cultura e capacidade de transmitir as lições da História, constituíam um ponto alto em nossa vida estudantil e a todos inspirava respeito e admiração e não transigia com relação às nossas obrigações escolares.

O que eu não imaginava é que, dos idos de 1929, iria conviver, muitos anos depois, com o mestre Cesarino, emérito da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

e criador do Direito Social em nosso País e dele me tornasse amigo e grande admirador.

Inquieto na conquista do saber e aprimoramento da Cultura, o seu currículo extenso e notável dignifica a criatura humana, que escondia atrás de uma conduta espartana no exercício de seu apostolado como professor, jurista e médico, um homem afável, compreensivo e delicado, pronto a ajudar aqueles que o procuravam.

Em 1967, mestre Cesarino foi presidente do Departamento de Medicina do Trabalho da Associação Paulista de Medicina, médico que também era formado em 1952 pela Escola Paulista de Medicina e professor titular de Medicina do Trabalho da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, pioneiro no ensino da disciplina.

Fui seu sucessor na presidência do Departamento e esta transição foi histórica para a Anamt. É que fixando-me na idéia que trouxera do Congresso Internacional de Medicina do Trabalho, realizado em Viena, em 1966, amadureci, com a ajuda de colegas, como Bernardo Bedrikow, Diogo Pupo Nogueira, Joaquim Augusto Junqueira e outros, visando alcançar o objetivo de fundar a Associação Nacional de Medicina do Trabalho, como Departamento Científico da Associação Médica Brasileira, contando desde o início com a ajuda do então presidente, dr. Pedro Kasab.

Procurei Cesarino Júnior no seu escritório, na praça da Sé, atrás do Fórum, com cer-

ta apreensão e timidez, e encontrei-o num ambiente austero, cheio de livros e com duas placas encimando as portas de entrada: professor A. F. Cesarino Júnior, advogado, professor de Direito Social e do Trabalho e outra com os dizeres - prof. A. F. Cesarino Júnior, médico, professor de Medicina do Trabalho da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, havia ainda uma frase em destaque numa das paredes: "A maioria age pela lei do mínimo esforço - a minha é do máximo esforço."

Fui recebido cordalmente e logo o mestre deu o maior apoio à idéia da fundação de nossa Associação. Voltei muitas vezes e dele recebi ajuda importante para a elaboração dos estatutos da nova entidade e dele é a sugestão que ficou da sigla "Anamt".

Convidei-o para presidir a primeira diretoria da Associação e sua aceitação foi um aval do prestígio que marcou a instalação da Anamt em 26 de março de 1968, ficando eu como secretário-geral, por imposição sua e contamos desde o início com a participação de ilustres colegas especialistas, de quase todo o Brasil.

Nessa mesma data deixava o professor Cesarino a presidência do Departamento de Medicina do Trabalho, da APM, cargo que assumi profundamente honrado.

No seu discurso de posse, com o plenário repleto e que mereceu uma edição quase total do Jornal da A.M.B., Cesarino, o mestre reconheceu nacional e internacionalmente, numa demonstração de modéstia, referiu-se ao

meu nome como o autor da fundação da Anamt e propôs, ainda, que a Medicina do Trabalho fosse chamada Ergiatria.

Poliglota, conhecedor profundo de vários idiomas autor de quase quarenta livros e inúmeros trabalhos, Cesarino Júnior foi homenageado quando de seu jubileu na Faculdade de Direito com o título de professor emérito e com a publicação de um livro comemorativo sobre Direito Social e do Trabalho, que teve a colaboração dos mais renomados especialistas do continente.

Saudei-o em nome da Fundação Jorge Duprat Figueiredo - Fundacentro - quando em 1989 ele recebeu em consagrada homenagem, em sessão solene, a maior láurea daquela instituição - a medalha Jorge Duprat Figueiredo, a única concedida até hoje.

Visitei-o várias vezes e era sempre aquele espírito eclético que dominava todos os assuntos, mas que mantinha aquela linha luminosa, que nos fala Luiz Robert Steven - a do professor, que o escritor denominava flor de nossa civilização.

A Anamt homenageia o seu primeiro presidente, de quem fui secretário-geral e seu sucessor. Como última lição do mestre, que serve para todos nós, fica a frase que ele escolheu para o seu epítáfio: "Trabalhou e fez trabalhar."

* Oswaldo Paulino é fundador e ex-presidente da Associação Nacional de Medicina do Trabalho (Anamt), sendo também professor emérito da Faculdade de Ciências Médicas de Santos.

Coluna do livro

Arthur Kaufman, médico, professor de Psiquiatria, lançou o livro **Teatro Pedagógico**, pela editora Agora. Trata a obra dos vários aspectos relacionados com os binômios professor-aluno e médico-paciente. Narrando com linguagem clara e distinta, o autor aborda aspectos múltiplos que ocorrem no dia-a-dia dos consultórios médicos, nas enfermarias de hospitais e nas salas de aula das Faculdades de Medicina. Partindo da postura psicodramática, procura, através de métodos, incentivar, ou melhor, "despertar" o estudante de Medicina para a dinâmica da relação médico-paciente, a qual está quase sempre "dormindo" no médico em formação. O livro descreve, no final, treze aulas, as quais foram dadas aos terceiranistas da Faculdade de Medicina da USP, ministradas sob a forma de grupo de psicodrama pedagógico ou "role-playing", na cadeira de Psicologia Médica. Para quem gosta de psicodrama, o livro é muito bom.

O escritor Renato Báez retorna às atividades literárias, após período de ausência por motivo de saúde. Retorna lançando mais um livro: "Garimpando na Cidade Branca", muito interessante, cujos capítulos, variados, trazem biografias de personalidades ilustres, poesias e aspectos pessoais do autor, cuja vida e obra merecem lugar de destaque na galeria dos grandes homens.

O Clube de Poesia, presidido pelo poeta Geraldo Vidigal, publicou recentemente mais um número de revista, cujo conteúdo compõe-se de várias poesias cuidadosamente selecionadas, além de importante histórico sobre a Nova Poesia, corrente literária que se iniciou em 1945, marcando o final do Movimento Modernista. Este, iniciado em 1922, lutava pela liberdade de expressão artística, arrasando todo o precedente, enquanto a Nova Poesia que, em verdade, não é movimento e sim um "espírito da geração de 45", tem por princípio o equilíbrio entre a emoção e a sua expressão verbal, a integração na tradição lírica da língua portuguesa e o respeito à dignidade da palavra.

No dia 29 de julho passado houve votação para a cadeira n.º 9 da Academia Paulista de História, vaga com a morte do saudoso Raul de Andrade e Silva. O candidato inscrito, Guido Arturo Palomba, redator desta coluna, foi eleito, obtendo 25 votos dentre os 25 acadêmicos que votaram. A Academia, doravante, contará com quatro médicos: Lycurgo de Castro Santos Filho, Divaldo Gaspar de Freitas, Duílio Crispim Farina e o eleito.

Por ocasião da passagem do sexagésimo aniversário da Revolução Constitucionalista de 1932, o Príncipe dos Poetas Brasileiros, Paulo Bonfim, defronte ao Monumento Mausoléu do Soldado Constitucionalista, declarou a oração "Ante a Última Trincheira", de Guilherme de Almeida, recebendo efusivos aplausos do público presente, que comovido assistia.

G.A.P.

Centenário de Antonio de Paula Santos

* Carlos da Silva Lacaz

Antonio de Paula Santos, antigo professor de Otorrinolaringologia da Faculdade de Medicina de São Paulo, nasceu em Silveiras (Estado de São Paulo), a 7 de setembro de 1892, e faleceu em São Paulo a 8 de outubro de 1967. Diplomou-se em 1915 pela Faculdade Nacional de Medicina. Quando se fundou a Faculdade de Medicina de São Paulo, foi contratado para lecionar Fisiologia e Patologia Geral. Em 1928 transferiu-se para a cátedra de Otorrinolaringologia, antes ocupada pelo prof. Henrique Lindenberg, operoso e eficiente, cujo serviço se constituiu por muitos anos em centro de gravitação da Otorrinolaringologia paulista. Antes de doutorar-se em Medicina, nos Estados Unidos, Lindenberg exercera a profissão farmacêutica. Mal retornado a São Paulo, tomou de assalto a clínica da especialização.

Paulo Santos dava suas aulas no antigo pavilhão de Ra-

dioterapia da velha Santa Casa de São Paulo. Um de seus assistentes mais diletos era Raphael da Nova, que depois, após brilhante concurso, o sucederia na cátedra. Aluno e admirador do prof. Antonio de Paula Santos, apreciava imensamente suas aulas. Eram simples, mas objetivas. Afirmando sempre que desejava ensinar o essencial aos médicos que iam para o Interior exercer a clínica geral.

Os especialistas se formavam posteriormente. Recordo-me, então, de suas palestras sobre otites, amidalites, faringites, emergências em Otorrinolaringologia, sinusites e outras de sua especialidade. Conservo até hoje anotações de suas aulas. Paula Santos não deixou a bagagem científica. Tinha grande clínica na avenida Brigadeiro Luiz Antônio.

Homem simples, foi antes de tudo excelente professor. Amigo do prof. Ovídio Pires de Campos, várias vezes, pela manhã, encontrava-se com este último para uma conversa sobre problemas políticos.

bem como os relacionados à vida da Faculdade. Na Santa Casa de Misericórdia, funcionava também, no pavilhão Conde Lara, outro Serviço de Otorrinolaringologia, dirigido pelo dr. Ottoni de Rezende, mestre dos mais renomados na especialidade.

Em Antonio de Paula Santos, um dos espíritos mais nobres que conheci em minha vida de estudante, dominava o equilíbrio e uma grande capacidade interior de contenção. Foi ele uma personalidade de parte na sua classe e um expoente em nossa comunidade. O berço deu-lhe a pureza dos sentimentos, a vida o entendimento irrestrito das vaidades e aspirações alheias, a Medicina científica a objetividade, a tolerância dos atos humanos e a medida na exteriorização do pensamento.

Exato no cumprimento do dever, diligente e pontual em suas funções, Paula Santos se identificava com a vida da Faculdade de Medicina da Santa Casa. Nunca impunha nada, nunca opinava onde não era chamado, nunca aparecia on-

de sua presença não fosse reclamada.

Muito afetuoso no trato pessoal, extremamente sensível à amizade, brioso de temperamento, paulista à moda antiga, sempre com um cigarro à sua boca, revivia o prof. Paula Santos, ativamente, na cadência descansada da pronúncia, no sentimento extremo da honra, até no físico, as características dos paulistas de outrora. Em toda a sua vida, como professor e especialista renomado, não se aponta um deslize moral, uma ocorrência em que tivesse saído menos airoso, uma falha funcional sequer. Sempre o mesmo equilíbrio, a mesma disciplina, a mesma irrepreensibilidade.

Antonio de Paula Santos permanecerá em minha lembrança pelo que muito ensinou através de suas aulas e de uma vida plena de realizações em prol da Faculdade de Medicina de São Paulo e da Otorrinolaringologia paulista.

* Carlos da Silva Lacaz é professor emérito e ex-diretor da Faculdade de Medicina da USP.